

---

---

# **terra roxa**

## **e outras terras**

Revista de Estudos Literários

---

---

### O FENÔMENO DO PERIÓDICO *BULLETIN* NA LITERATURA AUSTRALIANA

Déborah Scheidt (UEPG)  
deborahscheidt@yahoo.com.br

RESUMO: O periódico semanal de variedades *Bulletin* destacou-se como fenômeno cultural na Austrália do final do século XIX e início do XX. Dentre os fatores que explicam a força hegemônica que acabou assumindo na sociedade estão seu posicionamento nacionalista, a mistura de papéis entre colaboradores e leitores e o diálogo inusitado entre colaboradores, leitores e editores, além do suporte dado a vários dos autores que se tornariam referência nacional. As narrativas curtas e objetivas tornaram-se sua marca registrada, tendo contribuído para o desenvolvimento de um “estilo australiano” na literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Periódico *Bulletin*; Literatura australiana.

#### **INTRODUÇÃO: HOME VERSUS HOME**

Compostas de degredados, militares, marinheiros, funcionários da Coroa e suas famílias, as primeiras frotas colonizatórias estabeleceram-se na Austrália em 1788 e 1790, sob condições pouco animadoras. A parte da costa sudeste do continente que havia parecido promissora ao Capitão Cook em 1770 revelou-se, durante a estiagem, inóspita, além de destituída de riquezas naturais. Até mesmo o relevo se opunha aos recém-chegados. O típico olhar curioso, esperançoso ou cobiçoso do colonizador para o interior era bloqueado por um grande complexo de planaltos e montanhas, The Great Dividing Range, que corta quase toda a costa leste da Austrália.

Assim, nesses primeiros anos de ocupação europeia no continente, as atenções e expectativas estavam voltadas menos para o potencial da própria terra do que para o além-mar, ou para *Home*, com “H” maiúsculo, como a Grã-Bretanha continuaria a ser nostalgicamente chamada ainda por várias gerações. Somente após a descoberta de uma rota por dentre as montanhas, em 1813, começariam a ser desvendados os

mistérios do interior australiano. Mas ao invés de campos verdejantes ou de um mar interior, como conjecturavam os colonizadores mais otimistas, ou até mesmo de um “atalho” para a China, como queriam crer alguns dos fugitivos da justiça, mais aridez e adversidades revelar-se-iam aos desbravadores.

A transposição do Great Dividing Range seria vital para a identidade da futura nação ao permitir que, a duras penas, a agricultura e, especialmente, a pecuária pudessem se estabelecer em algumas das planícies a oeste mais afastadas da costa. Com isso, um estilo de vida caracteristicamente australiano começou a se desenvolver, centrado em árdua labuta e protagonizado por diferentes tipos de proprietários rurais, tais como *squatters* (grandes fazendeiros), *selectors* / *cockatoos* (pequenos produtores rurais) e diversos tipos de trabalhadores – *swagmen* e *sundowners* (itinerantes), *shearers* (tosquiadores), *drovers* (condutores de rebanhos), *station hands* e *stockmen* (peões)... Aos poucos os australianos foram se acostumando a ter, como pano de fundo para sua vida eminentemente urbana e costeira, um imenso “quintal” ressequido, que ficaria conhecido como *outback* e onde se descortinariam os dramas desses tipos humanos singulares.

A exemplo de outras regiões de fronteira no mundo, tais como o oeste norte-americano e o sertão brasileiro, o *outback* foi ganhando fama e gerando uma mitologia e uma literatura próprias, tornando-se o centro de uma tradição rural. Importantes obras da década de 1950 tais como *The legend of the nineties*, de Vance Palmer, *The Australian tradition*, de A. A. Phillips e *The Australian legend*, de Russel Ward, se voltam para a esse momento histórico. Assim refere-se Palmer ao suposto nascimento de uma “lenda australiana”: “Um povo espalhado, proveniente de todos os cantos das Ilhas Britânicas e da Europa, de repente se enxergou como nação, com personalidade própria e um papel histórico a desempenhar, uma perspectiva que colocou em ação poderosas forças criativas” (Palmer 1954: 9, minha tradução).

A atividade jornalística foi essencial para o estabelecimento e a disseminação dessa tradição. Isso porque as publicações periódicas logo se revelaram como os meios de comunicação de massa mais eficientes entre a costa e o interior australiano. Em primeiro lugar jornais e revistas desafiavam as barreiras físicas e as grandes distâncias, alcançando leitores que de outro modo continuariam isolados. Mas, de maneira significativa, ao divulgar o estilo de vida das populações rurais e, principalmente, dar-lhes voz, as publicações periódicas converteram-se em importantes instrumentos para vencer as barreiras psicológicas do sentimento de inferioridade cultural australiano em relação à Grã-Bretanha, ao longo do século XIX e início do século XX.

O jornalismo havia se estabelecido na Austrália já nas primeiras décadas da colônia penal. O primeiro jornal australiano, *The Sydney Gazette and New South Wales Advertiser*, foi fundado em 1803 (compare-se à impressão do primeiro jornal no Brasil, cuja colonização europeia é bem mais antiga, cinco anos mais tarde). A publicação servia a propósitos administrativos, e, evidentemente, também ao controle e à censura da Coroa Britânica. Em 1824 surgiu o primeiro jornal liberal e de oposição, *The Australian*, rapidamente seguido por dezenas de outros, à medida que cresciam os níveis de escolaridade da população, juntamente com seus anseios por liberdade de expressão.

Na década de 1850, já circulavam, somente na colônia (hoje estado) da Tasmânia, nada menos do que onze jornais, segundo os arquivos da National Library of Australia (National Library of Australia 2013: online).

Como elucida H. M. Green, na Austrália da segunda metade do século XIX, a busca por notícias sobre a descoberta de ouro no interior australiano fomentou a proliferação de publicações periódicas. As dificuldades de distribuição advindas do acesso limitado ao interior, realizado por meio das parcas estradas de ferro, entretanto, favoreciam de forma especial o desenvolvimento de jornais semanais (*weeklies*), que logo passaram a ter importante papel no ambiente cultural do interior australiano. Algumas diferenças básicas entre os jornais diários e os semanários foram se estabelecendo, e muitos *weeklies* se consolidaram como revistas (*magazines*). Ainda assim, as diferenças nem sempre são muito claras e várias das publicações da época se situam na fronteira entre jornal e revista. Esse é o caso do *Bulletin*, a que a crítica refere-se alternadamente como *newspaper* e *magazine* (Green 1968: 719; Phillips 1970: 20; Lawson 1987: ix).

Ao final do século XIX, as revistas australianas passaram, segundo Green, por um processo de desenvolvimento ímpar, tanto em termos de número de títulos, vida útil e características estéticas, quanto da qualidade e variedade dos textos. As revistas valorizavam a cultura local, contrapondo-se à ideia preponderante até então de que as publicações britânicas eram inquestionavelmente superiores. Outros efeitos positivos da popularização das publicações locais foram o desenvolvimento de uma saudável competição interna e o enfraquecimento das rivalidades entre as províncias/colônias, fortalecendo a percepção da Austrália como nação (Green 1968: 719-721).

O mais célebre, durador e polêmico de todos os periódicos australianos foi, sem dúvida, o *Bulletin*, fundado em janeiro de 1880 e publicado ininterruptamente até 2008, a despeito das várias mudanças de administração pelas quais passou. A tiragem inicial de 3.000 cópias foi se expandindo até chegar a 80.000 na década de 1890, um fato considerável, levando-se em conta que nessa década a população estava na casa dos três milhões de habitantes (no século XX, o ponto alto da revista em termos de tiragem ocorreu no início dos anos 90, em que chegou a 100.000 exemplares, sendo que a população total era de 17 milhões).

#### “AUSTRALIA FOR THE AUSTRALIANS”: O BULLETIN E O NACIONALISMO POLÍTICO E CULTURAL

No editorial do primeiro número o *Bulletin* já prometia tornar-se “uma revista invencível – [...] incomparável em vigor, inovação e acessibilidade às suas contribuições literárias” (Wilkes 1958: 18, minha tradução). De fato, ao longo dos anos foi se tornando, segundo Vance Palmer uma “força motora para a sociedade, quase um oráculo para aqueles que procuravam orientação quanto às questões nacionais” (Palmer 1954: 88, minha tradução), o que se comprova no apelido de *the Bushman’s Bible*, ou a “Bíblia do Homem Rural”, pelo qual a publicação era conhecida e de que os editores muito se orgulhavam.

A empolgação dos editores se justifica no contexto de frêmito nacionalista que envolveu a Austrália nas décadas de 1880 e 1890. Esse foi um período de intensas discussões que levaram a diferentes ações políticas, tais como reforma tributária, instituição de pagamentos de salários para os membros do parlamento, regulamentação da jornada de trabalho e do benefício da aposentadoria. Mas esses foram também anos de grave crise econômica. Richard White observa que, se por um lado a estiagem dos anos 90 resultaria em revoltas, greves, desemprego e falências generalizadas, por outro, esses contratempos estimulariam a criação de partidos trabalhistas e sindicatos e incentivariam a mobilização de forças populares e políticas pela federação, a qual se concretizaria no início do século XX (White, 1981: 85-86).

Essa fase de efervescência social e política e de maior hegemonia do *Bulletin* na sociedade australiana ficou conhecida como *the nineties*. Na prática os “anos noventa” podem se estender, de acordo com alguns críticos, até 1903, com a consolidação do federalismo, da governança nacional autônoma e da própria noção de Austrália (Wallace-Crabbe 1982: 53), ou até momentos antes do advento da Primeira Guerra Mundial (Green, 1968: 347). Empenhado em promover, como colocam David Carter e Gillian Whitlock, o papel ao mesmo tempo “local” e “universal” da cultura e rejeitar qualquer menção à inferioridade colonial em relação à metrópole, o *Bulletin* foi um dos veículos de comunicação mais engajados politicamente dos anos 90, apostando na dupla função da literatura de “civilizar” e expressar o caráter nacional de uma sociedade em formação (Carter e Whitlock 1989: 111).

Além de se posicionar a favor do sistema federalista e da estrutura republicana, o *Bulletin* defendia a intervenção governamental no mercado e reprovava a posse privada da terra. Para A. A. Phillips a posição do periódico assemelhava-se a um socialismo prático e sem doutrinas, já que a crença na sensibilidade superior dos australianos com relação à “realidade” (em contraponto à sociedade britânica artificialmente ordenada em classes estáticas) os tornaria avessos a “-ismos” (Phillips 1970: 16). Christopher Lee aponta outras posições políticas claramente sustentadas pelo *Bulletin*, tais como a prática do voto único por eleitor (antes de 1905, o eleitor que possuísse propriedades em mais de um distrito eleitoral, podia votar múltiplas vezes), educação pública gratuita, reforma penal e a abolição de títulos de nobreza (Lee 2004: 21). Palmer observa ainda que muitas das posições da revista refletiam o ideal australiano dos anos 90 de se constituir uma sociedade democrática (utopicamente) autossuficiente: “o sonho de um país autônomo, protegido do mundo externo, desenvolvendo seus próprios recursos e gradualmente construindo uma sociedade que tornar-se-ia uma referência para os homens livres de todos os cantos do mundo” (Palmer 1954: 70, minha tradução).

Também as seções literárias do periódico expressavam, ainda que indiretamente, esses ímpetos emancipatórios e nacionalistas. Em termos de temática e linguagem, a revista favorecia publicações que reagissem ao olhar eurocêntrico que ainda dominava a poesia e a ficção australianas. Um bom exemplo do descompasso que havia entre as fórmulas vitorianas e a inspiração local é a queixa do poeta Marcus Clarke, datada de 1876:

As florestas nas áreas montanhosas da Austrália são fúnebres, secretas, austeras. Sua solidão é desoladora. [...] Não se nutrem sentimentos ternos à sua sombra. Em outras terras o ano que se finda é pranteado, as folhas mortas caem suavemente sobre o seu esquife. Nas florestas australianas as folhas não caem.[...] Tudo inspira medo e melancolia. As memórias das montanhas não inspiram alegres fantasias. Exploradores desesperados lhes deram os nomes de suas aflições – Monte Sofrimento, Monte Temeroso, Monte Desespero. (Clarke 1998: 5, minha tradução)

O problema, visto por esse viés, estava na inadequação da natureza australiana e não nas convenções disponíveis para representá-la. Uma das ações pioneiras do *Bulletin*, nesse sentido, foi perceber que o acervo da literatura de tradição oral, que já existia como parte da rotina dos acampamentos de trabalhadores itinerantes, barracões de tosquia e rodas de fogueira, continha a semente para o desenvolvimento de uma tradição australiana própria. Essa tradição seria composta de formas literárias populares que haviam migrado da Europa para a Austrália, juntamente com os colonizadores, mas adaptadas ao novo ambiente e às temáticas locais.

Como grande apoiador da poesia australiana, o *Bulletin* chamou para si a tarefa de difundir e preservar do esquecimento as bush ballads, narrativas cantadas ou canções que contam uma história (Hanna 1988: 202), tarefa bastante significativa em termos históricos, já que, como lembra Palmer, foram os baladistas rurais que inicialmente trouxeram para seus versos, de forma espontânea, “os nomes de riachos e montanhas familiares, criando, para as pessoas simples, uma imagem de suas próprias vidas, e as acostumando a considerar os eventos à sua volta material apropriado para a arte” (Palmer 1954: 68, minha tradução). Muitos poetas colaboradores do *Bulletin* souberam tirar proveito dessa literatura oral, expressando sua identificação com os valores e a linguagem do público a que se dirigiam.

Nesse aspecto se destaca A. B. (Banjo) Paterson (1864-1941), advogado de formação “descoberto” como poeta pelo *Bulletin*. Foi nas páginas da revista que alguns de seus poemas mais memoráveis, tais como “Clancy of the Overflow” e “The man from Snowy River” apareceram pela primeira vez. Essa introdução jornalística serviu inclusive como trampolim para coletâneas de sua obra em formato de livro. Segundo Palmer, o sucesso de Paterson se devia ao fato deste conseguir criar uma imagem “ensolarada” e apetecível do interior australiano, altamente idealizada, ainda que reconhecível, com verdes planícies cortadas por riachos ou altas e belas montanhas, pelas quais transitam personagens valorosos, simples e espontâneos. Paterson teria um dom especial para o folclórico e seus heróis, ainda que criados pelo próprio poeta, acabavam elevados, na mentalidade popular, ao status de lendas nacionais (Palmer 1954: 110-112).

Também os *yarns* (“causos”, ou, literalmente, “fiação de histórias”), que costumavam circular entre o campo e a cidade disseminados por trabalhadores itinerantes, não só tinham espaço privilegiado no *Bulletin*, como ganharam famosas versões literárias. Talvez o “filho” mais ilustre do *Bulletin* tenha sido Henry Lawson (1867-1922). Vários de seus poemas, tais como “Faces on the street” e “The song of the republic”,

foram popularizados pela revista, mas seu principal legado para a história literária da Austrália está nos contos.

Opondo-se à idealização e ufanismo de Paterson, o nacionalismo de Lawson está em, paradoxalmente, caracterizar o interior australiano de maneira geral como o espaço do trabalho árduo, mas quase infrutífero, da monotonia, da solidão e da loucura. Lawson compensa essa representação cruel do meio com a admiração e empatia que parece sentir por seus habitantes. O processo de heroização funciona, em Lawson, de maneira inversa ao de Paterson. Para Martin Flanagan, a obra de Lawson tem o mérito de disfarçar como algo do dia-a-dia o heroísmo dos homens e mulheres do interior australiano e sua admirável capacidade de sobrevivência em um ambiente hostil (Flanagan 1999: 6). Outro aspecto do nacionalismo lawsoniano bastante valorizado pelo *Bulletin* estava na utilização original e sensível das variantes australianas do inglês na maioria de seus contos.

Mas se na opinião de Sidney Baker o *Bulletin* se destacou na história do jornalismo mundial por ter conseguido captar os anseios por expressão própria e engajar o espírito comunitário de seu público de forma ímpar (Baker 1976: 410-11), é preciso cautela, como advertem Carter e Whitlock, para não cair na armadilha de se afirmar que o *Bulletin* representava “o espírito do período” ou “a voz do povo”, no sentido de que refletiria o pensamento australiano como um todo (Carter e Whitlock 1989: 123, minha tradução). Significativamente, o lema “*Australia for the Australians*” que figurava no cabeçalho de cada edição, excluía da categoria *Australians* aborígenes e imigrantes não caucasianos, além de não ser igualmente inclusivo ao gênero feminino quanto ao masculino (de 1908 a 1960 o *slogan* passa a ser “*Australia for the white man*”). Leon Cantrell também questiona a tendência equivocada de se considerar os anos 90 como uma espécie de norma essencialista e generalizante, percebida em afirmações tais como a de que os escritores e artistas do período teriam conseguido captar o “real” caráter da paisagem australiana – mas qual paisagem? – ou a “essência” da vida australiana – vida de quem, especificamente? (Cantrell 1977: 15).

#### “A GREAT PRINT CIRCUS”: O BULLETIN E A REVOLUÇÃO EDITORIAL

Ainda que racista e misógino, do ponto de vista autoral o *Bulletin* se destacou por proporcionar oportunidades de expressão literária a uma parcela da população até então pouco contemplada pelos veículos de comunicação de massa. J. F. Archibald, editor-chefe e co-fundador do periódico, responsabilizava-se pessoalmente pela análise e seleção dos textos submetidos – eram dezenas todas as semanas e provenientes de todas as partes da Austrália. Seu lema era o de que “todo sujeito tem pelo menos uma história dentro de si” (Phillips 1970: 25, minha tradução) e o periódico aceitava contribuições em vários formatos: “artigos políticos, sociais ou de outra natureza, poesia, contos ou crônicas [...], parágrafos, cartas ou fragmentos”, como explicitado no próprio editorial. “Assuntos australianos”, assim como textos curtos,

“não excedendo 3000 palavras” tinham preferência conforme relata Archibald (Carter e Whitlock 1989: 113, minha tradução).

Tanto escritores profissionais, quanto aspirantes e mesmo pessoas comuns que nunca tinham se atrevido no campo das letras davam preferência ao *Bulletin*, pela certeza de que seus textos seriam lidos pelos editores e efetivamente considerados para publicação. Na seção “Correspondência” Archibald referia-se nominalmente a cada um dos autores em potencial (muitos utilizavam pseudônimos ou iniciais), e mesmo as recusas eram expressas de forma espirituosa, bem-humorada e personalizada: “Hue: Ideia excelente, assim como a execução. Você executou a ideia. W.B.: Obrigado, publicaremos na próxima semana.[...] A.T.: Por favor, não escreva mais poesia. Dedique seu tempo a fazer sopa de crocodilo” (Lawson 1987: 155, minha tradução).

Archibald procurava dar tratamento diferenciado a todos os colaboradores. Muitos eram até mesmo convidados a visitarem a sede da revista, sendo por ele pessoalmente recebidos, o que tornava o local um movimentado ponto de encontro na cidade de Sydney. Estratégias de marketing como essas certamente influíam nas vendas e assinaturas, pois até mesmo os indivíduos recusados tinham suas duas linhas de fama e gostavam de exibi-las a parentes, amigos e vizinhos (Carter e Whitlock 1989: 121). Outra razão para a popularidade da revista por parte dos autores era econômica: o *Bulletin* costumava pagar pelos artigos já no momento da aceitação e não após sua publicação, como era a prática da concorrência. Também promovia concursos literários e patrocinava muitos dos escritores que se tornariam referência nacional (Green 1968: 722).

O diálogo inusitado entre editor, escritor e público é, para Carter e Whitlock um dos maiores diferenciais da revista, assim como a miscelânea de gêneros textuais, estilos e vozes que figuravam nas páginas da revista meio aleatoriamente, versando não só sobre política, mas também sobre questões sociais, negócios, entretenimento, fofocas, crítica cultural, assuntos femininos, agricultura, clima... e em formatos vários: notícias, piadas, cartuns, poemas, baladas, contos, “causos”, propagandas, dentre outros (Carter e Whitlock 1989: 114).

Sylvia Lawson considera que essa política editorial um tanto carnalizada, que ela chama de *print circus*, significava uma expansão do conceito tradicional de literatura decorrente principalmente da sensibilidade de Archibald. Apesar da existência de um chamado “estilo *Bulletin*”, baseado na concisão e na objetividade – daí a famosa recomendação e marca registrada do editor *Boil it down!* (termo culinário que significa “engrossar por meio de fervura” ou “reduzir uma mistura”) – Archibald conseguia perceber o valor de textos bastante distintos, sem se deixar impressionar pela reputação do autor. Para ele a qualidade literária poderia estar tanto em duas linhas de autoria anônima quanto numa crônica ou poema mais elaborado submetido por figuras já “canônicas” no meio cultural australiano. Em última instância, valiam a espontaneidade e a originalidade do estilo e uma voz autoral própria (Lawson 1987: 163).

Quanto à vasta clientela proveniente de todos os setores da sociedade australiana, para Lawson isso não se devia tanto ao fato de o *Bulletin* pretender seduzir o público ao mitificar um estilo de vida rural pretensamente australiano, mas porque o periódico, para ele:

trazia a cidade e o mundo para a soleira da porta [do homem rural] e o transformava em vizinho de página dos perversos, dos deslumbrantes e dos poderosos. Os habitantes das zonas rurais, como também os das ruelas pobres e os das fábricas, eram apresentados a si mesmos como cidadãos do mundo. Suas experiências eram validadas, os lugares que conheciam eram citados como locais onde eventos ocorriam e assim, como leitores e leitores-escritores, os australianos de pelo menos uma geração foram resgatados da condição de exilados de segunda-classe. (Lawson 1987: 194, minha tradução).

Carter e Whitlock concluem que, ao invés de se dirigir a um grupo de leitores pré-definido, a grande inovação do *Bulletin* foi construir seu próprio público, por meio da valorização da diversidade textual e da proximidade e diálogo com o leitor. Trazendo para o contexto australiano as teorias de Benedict Anderson sobre o aparecimento do conceito de nação por meio da literatura como objeto de consumo no século XIX (Anderson 2009: 80), Carter e Whitlock concluem que o *Bulletin* efetivamente criou um grupo de leitores que acabou se enxergando como comunidade e não mais como indivíduos dispersos em diferentes colônias: “Ao estabelecer e sustentar uma comunidade leitora, uma comunidade baseada na palavra impressa, a revista, por um certo período de tempo, ofereceu a seus leitores e escritores a oportunidade de fazer parte de uma comunidade imaginada, concebida nacionalmente” (Carter e Whitlock 1989: 22, minha tradução). Ou seja, o *Bulletin* contribuiu para a invenção da própria Austrália como nação.

#### “BOIL IT DOWN”: O BULLETIN E O DESENVOLVIMENTO DO CONTO NA AUSTRÁLIA

O conto desenvolveu-se precocemente na Austrália em relação ao resto do mundo, tendo começado a demonstrar características modernas anteriormente até às manifestações europeias e norte-americanas dessa modalidade ficcional. Segundo Phillips, as narrativas curtas ganharam grande ímpeto na Austrália como instrumento de reação às tendências à digressão, à alusão e à excessiva complicação dos enredos tipicamente vitorianos que na segunda metade do século XIX ainda prevaleciam na literatura australiana (Phillips 1966: 1). O *Bulletin* foi um grande incentivador desse movimento de renovação e autoafirmação literária.

Inovações desse calibre, obviamente, não se dão de forma imediata. Ken Levis avalia que nos primeiros anos de sua existência, nos anos 80, o *Bulletin* havia seguido a tendência dominante, publicando folhetins sentimentais, moralistas, ambientados na Europa e de linguagem forçada. Nem mesmo vigorava ainda o critério da prioridade para autores australianos. No primeiro decênio do semanário, não mais do que



100 narrativas curtas foram publicadas (Levis 1971: 45). A grande popularidade que os textos literários foram adquirindo no decorrer do tempo foi responsável para que estes ganhassem mais peso em meio aos assuntos políticos e às variedades que compunham o grosso das publicações. Em 1896 o proeminente editor A. G. Stephens, que passara a trabalhar para o *Bulletin* em 1894, cria a “Red Page”, uma revista dentro da revista e um espaço exclusivo para publicações poéticas e ficcionais, reconhecida pela capa rósea.

Nessa altura o “estilo *Bulletin*” já estava consolidado e, se como vimos acima, as normas de publicação não funcionavam como critérios absolutos para a aceitação e recusa de um texto, havia uma preferência por estilos “enxutos”. Archibald era bastante conhecido pela frequência com que sugeria cortes nos textos submetidos. Green observa que quanto maior a concisão do conto, maior a probabilidade de aceitação: “as frases precisavam ser breves e as palavras não deviam ser desperdiçadas; o conteúdo descritivo e explanatório tinha que ser mínimo”. Outros requisitos incluíam a simplicidade, a objetividade, o realismo e a força dramática (Green 1968: 531, minha tradução).

Muitos dos contos de Henry Lawson seguem essas premissas, incluindo “The drover’s wife” (“A mulher do tropeiro”, em tradução livre), cuja primeira impressão no *Bulletin* é de 1892. Este não só é um dos textos mais antologiadados da literatura australiana como, na opinião de Bruce Bennet, seria nada menos do que o conto australiano mais conhecido de todos (Bennet 2002:60). O enredo tem pouca ação, no sentido tradicional da palavra, girando principalmente em torno das reminiscências de uma corajosa *bushwoman* que, isolada em seu casebre no *outback* australiano, passa uma noite em vigília pelos filhos, após uma cobra venenosa ter se escondido debaixo do piso. O estilo jornalístico se evidencia nas descrições em tempo presente e em orações curtas, objetivas, quase desprovidas de adjetivos e, nas palavras de Brian Mathews, beirando ao *staccato* (Mathews 1972: 12), como se observa no seguinte excerto do conto: “She is used to being left alone. She once lived like this for eighteen months. As a girl she built the usual castles in the air; but all her girlish hopes and aspirations have long been dead” (Lawson 1984: 241).

Um exemplo do “estilo *Bulletin*” seguido ainda mais à risca é o conto de Lawson “A love story” (1893), tão curto que pode ser transcrito integralmente abaixo:

“He went up-country and was reported dead,” said the traveler to his mate, as they sat down on their swags.

“He was reported to have been drowned while trying to swim his horses across a billabong. His girl broke her heart – and mended it again; then he turned up alive, and drier than ever, and married her, and broke her heart for certain. And – she died.”

He spat in the dust and scraped it impatiently with his foot.

“She was – she was an old sweetheart of mine,” he said, speaking low and as if to himself.

He rested his long arm listlessly on his knee, and absently scraped a cross in the dust, between his feet, with the blade of a pocket knife.

“Ah, well – never mind... The billy’s boiling, Joe.” (Lawson 1984: 300)

Brian Kiernan observa a precocidade do minimalismo de Lawson quando este emprega, ainda no século XIX e no contexto provinciano de uma colônia muito distante do eixo Europa-EUA, um estilo que modernistas como Hemingway tornariam famoso somente cinquenta anos mais tarde. Trata-se, na verdade, de uma composição bastante sofisticada, apontando para “profundezas emocionais por debaixo da superfície lacônica” (Kiernan 1984: viii, minha tradução). Até mesmo a obviedade do título é enganosa e a *love story* é habilmente oculta nas pausas do narrador, em seus momentos de hesitação e comportamento enigmático (que significado teria, afinal, o sinal desenhado no chão?). Colin Roderick define este conto como “um milagre em termos de compressão”, sugerindo, em meras 150 palavras “um mundo de reconstruções imaginativas” (Roderick 1985: 78, minha tradução).

Linguisticamente o conto também é bastante rico, trazendo várias expressões tipicamente australianas. *Mate*, neste caso “companheiro de viagem”, seria estatisticamente o australiano mais comum de todos (Turner 1972: 112), *swag* é uma espécie de cobertor que os viajantes levavam enrolado às costas envolvendo seus pertences e *billabong* é um braço de rio caracteristicamente australiano. Mais do que o uso indiscriminado de australismos para imprimir “cor local” ao conto, o talento especial de Lawson se manifesta na hábil inserção desses termos na abertura e no fechamento da narrativa, formando uma espécie de moldura que estabelece um clima propício para a narração de um “causo” *while the billy boils*, ou seja, enquanto se prepara o chá ou uma refeição em uma espécie de caldeirão ou lata improvisada. O alto contraste entre a ambientação rústica e masculina e o sutil momento lírico é outro dos pontos fortes do conto.

O *Bulletin* teve importância vital para a sociedade australiana em geral como também para a formação de sua literatura. Vários fatores explicam a popularidade e a força hegemônica que o periódico acabou assumindo, a começar pelo seu engajamento político emancipatório, reivindicando que os australianos assumissem voz própria, numa época de intensas discussões nacionalistas. Do ponto de vista social a revista introduziu uma verdadeira revolução, dando visibilidade para a população rural e para as classes urbanas mais desfavorecidas, ainda que adotasse práticas racistas e discriminatórias típicas do século XIX. Culturalmente o *Bulletin* produziu uma verdadeira revolução na comunicação de massa australiana, ao propositalmente confundir os papéis de colaboradores e leitores, além de proporcionar um diálogo inusitado entre colaboradores, leitores e editores. Também revelou vários dos autores que hoje compõem o cânone da literatura australiana e contribuiu para a construção de um “estilo australiano” na literatura.

## OBRAS CITADAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BAKER, Sidney. *The Australian Language*. Melbourne: Sun Books, 1976.
- BENNETT, Bruce. *Australian short fiction: a history*. St. Lucia: U of Queensland P, 2002.
- CANTRELL, Leon. Introduction. *The 1890s: stories, verse, and essays*. St. Lucia: U of Queensland P, 1977.
- CARTER, David, e Gillian Whitlock. *Institutions of Australian literature*. James Walter, ed. *Australian studies: a survey*. Melbourne: Oxford U P, 1989.
- CLARKE, Marcus. Preface to Adam Lindsay Gordon's poems. Elleke Boehmer, org. *Empire Writing: An Anthology of Colonial Literature, 1870-1918*. Oxford: Oxford U P, 1998.
- FLANAGAN, Martin. Henry never got to see the weirdness that is...: Looking at Lawson from the end of the Twentieth Century. *Overland* (Mt. Eliza) 154: 5-8, 1999.
- GREEN, H. M. *A history of Australian literature*. v. 1. Sydney: Angus and Robertson, 1968.
- HANNA, Cliff. The Ballads: eighteenth century to the present. Laurie Hergenhan, ed. *The Penguin New Literary History of Australia/Australian Literary Studies* (special issue) 13.4: 194-209, Oct. 1988.
- LAWSON, Henry. *A camp-fire yarn: Complete works 1885-1900*. Sydney: Lansdowne Press, 1984.
- LAWSON, Sylvia. *The Archibald paradox: a strange case of authorship*. Ringwood: Penguin, 1987.
- LEE, Christopher. *City bushman: Henry Lawson and the Australian imagination*. Fremantle: Curtin, 2004.
- LEVIS, Ken. The role of the Bulletin in indigenous short-story writing during the eighties and nineties. Chris Wallace-Crabbe. *The Australian nationalists: modern critical essays*. Melbourne: Oxford U P, 1971.
- MATTHEWS, Brian. *The receding wave: Henry Lawson's prose*. Melbourne: Melbourne U P, 1972.
- NATIONAL LIBRARY OF AUSTRALIA. History of Australian newspapers. Disponível em <http://www.nla.gov.au/anplan/heritage/history.html>. Acesso em 13 nov. 2013.
- KIERNAN, Brian. Introduction. Henry Lawson. *A camp-fire yarn: Complete works 1885-1900*. Sydney: Lansdowne, 1984.

- PALMER, Vance. *The legend of the nineties*. Melbourne: Melbourne U P, 1954.
- PHILLIPS, A. A. *The Australian tradition: studies in a colonial culture*. Melbourne: Cheshire-Lansdowne, 1966.
- RODERICK, Colin. *Henry Lawson: the master storyteller*. Sydney: Angus & Robertson, 1985.
- TURNER, G. W. *The English language in Australia and New Zealand*. London: Longman, 1972.
- WALLACE-CRABBE, Chris. The legend of the legend of the nineties. A. C. Dobrez, ed. *Review of National Literatures: Australia*. New York: Griffin House, 1982. Disponível em [www.enotes.com/topics/bulletin-and-rise-australian-literary-nationalism](http://www.enotes.com/topics/bulletin-and-rise-australian-literary-nationalism). Acesso em 14 nov. 2013.
- WARD, Russel. *The Australian legend*. Melbourne: Oxford U P, 1966.
- WHITE, Richard. *Inventing Australia: images and identity, 1688-1980*. Sydney: Allen & Unwin, 1981.

#### THE PHENOMENON OF THE BULLETIN MAGAZINE IN AUSTRALIAN LITERATURE

ABSTRACT: The weekly current affairs magazine *Bulletin* became a cultural phenomenon in Australia at the end of the 19th century and beginning of the 20th century. Among the factors that explain the hegemonic force it acquired in society are its nationalist positions, the mingling of roles between contributors and readers and the unusual dialogue between contributors, readers and editors, besides the support provided to several of the authors who would become national reference. Short, objective narratives became its trademarks and contributed to the development of an “Australian style” in literature.

KEYWORDS: *Bulletin Magazine*; Australian literature.

Recebido em 27 de julho de 2014; aprovado em 20 de dezembro de 2014.